



NARRATIVAS LITERÁRIAS: RESSIGNIFICANDO AS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Luísa Carla Fontoura de Maia (UFSM)

Patrícia Mariotto Mozzaquatro Chicon (UNICRUZ)

RESUMO: A presente pesquisa foi desenvolvida com a turma de 8º ano, do Instituto Estadual de Educação Mãe de Deus, na cidade de Tupanciretã- RS, e teve por objetivo construir o conhecimento literário, social e multidisciplinar. A partir da narrativa literária “Perseu e Medusa”, extraída do livro didático da turma, os educandos identificaram-se com o texto pela relevância do tema, de acordo com seus conhecimentos prévios e suas realidades de leitura, assim, incentivou-se o desenvolvimento da cognição e linguagem, expressos através de mídias digitais. Motivou-se também a leitura e escrita literárias e as reproduções de tais feita pelos estudantes através de um canal no site *YouTube*, que demonstrou desdobramentos positivos em sua aplicação.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escrita. Tecnologia.

ABSTRACT: The present research was developed with the 8th grade class, from “Instituto Estadual de Educação Mãe de Deus”, in the town of Tupanciretã, RS, and had as its objective to build literary, social and multidisciplinary knowledge. From the literary narrative "Perseus and Medusa", extracted from the textbook of the class, the students identified with the text by the relevance of the theme, according to their previous knowledge and their reading realities, thus, it was encouraged the development of cognition and language, expressed through digital media. The literary reading and writing and the reproductions of these were also motivated by the students through a channel on the *YouTube* site, which showed positive developments in its application.

KEYWORDS: Reading. Writing. Technology.

1 INTRODUÇÃO

Compreende-se, que a linguagem é a maior habilidade do ser humano, sendo ela a qual nos distingue das demais espécies existentes. Além de permitir que nos comuniquemos, nos dá a oportunidade de conviver com outras pessoas em sociedade. Estando presente em todos os momentos, permite que façamos a comunicação, entretanto não se pode falar em comunicabilidade, sem falarmos em leitura, uma das competências humanamente mais importantes, que se fará presente por toda nossa vida. É partir dela que passamos a ter conhecimento de mundo, do contexto onde estamos inseridos e principalmente, conseguimos nos comunicar das mais diversas formas possíveis.

Na sociedade atual, linguagem e leitura caminham juntas, sendo disseminadas das mais variadas formas, internet, livros e principalmente na escola, lugar de formação de

alunos, que devem estar aptos a lerem e interpretarem os mais diversos tipos de códigos linguísticos, a fim de atribuírem-lhes significado.

É através da leitura literária que se pode resgatar o português como língua materna, fazendo com que os discentes não só decodifiquem letras, mas interpretem textos e façam uso deles, analisando, buscando soluções e alternativas para o que lhes é apresentado como leitura. Para Freire (1989, p. 08), “[...] ler é, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

Sendo assim, o propósito do trabalho foi o de tentar fazer com que os educandos passem a entender o significado da leitura e da escrita por meio de narrativas literárias, em sua amplitude. Dado que a literatura é responsável por ampliar o entendimento de mundo, a capacidade de comunicação e a formação de sujeitos autossuficientes.

Segundo Lajolo (1982, p. 59), ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto, mas ser capaz de a partir do texto, atribuir-lhe significado. Entretanto, certas vezes nos deparamos com uma realidade em sala de aula, em que, nem sempre os alunos atribuem significado e compreendem o que leem. Muitos possuem dificuldades na compreensão de textos, não conseguem interpretá-los, bem como analisá-los com o auxílio do professor.

A falta de significado atribuída a leitura pelo aluno, pode tornar o texto de difícil compreensão. Conforme Bunzem e Mendonça (2006), estudos apontam que há uma lacuna, isto é, a perda do gosto pela leitura, na vida estudantil durante a transição do Ensino Fundamental II para o Médio e a prova disso se reflete em classe. Todavia, os alunos desmotivados pelo gosto de ler, ainda usam esse código de maneira fantástica quando precisam manipular seus aparelhos eletrônicos como celular, computador, etc. Tal fato pode ocorrer por que os discentes atribuem significado a esses instrumentos, diferentemente de quando precisam ler um livro e não o sabem interpretar.

Considerando que os atores conferem relevância aos mais diversos tipos de mídias, sejam elas eletrônicas ou digitais, é papel da escola bem como dos professores fazer uso dessas ferramentas em aula, para que os estudantes possam interpretar e dar respostas ao que acontece no mundo que os cerca. Moran (2008, p. 05) destaca que:

[...] a educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações, assim os alunos terão acesso as Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC, podendo aliar leitura, interpretação e até mesmo entretenimento no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com as reflexões apresentadas, surge-nos algumas inquietudes: O que acontece com a aprendizagem desses alunos? Será o excesso de informações que causam esse desestímulo em relação à leitura e sua interpretação? Eles conseguem interpretar as mídias digitais atribuindo-lhes algum significado? Ou apenas é mais um atrativo? As mídias apresentam conteúdos que precisam de menores capacidades de reflexões e interpretações? É impossível apontarmos um único responsável para esse cenário, pois são diversos os contextos envolvidos.

Cabe ao professor, mediador de conhecimento, dar uma ressignificação à linguagem do aprendizado para seus alunos. Uma maneira de introduzir essa prática na vida escolar é utilizar a leitura literária, observando a abrangência que esta traz consigo e seu papel histórico e social, fazendo com que os alunos encontrem prazer na leitura para tornarem-se críticos e passem a agregar significado a novos conhecimentos. Visto que, é importante que os educandos reflitam sobre qual é o seu papel na sociedade e como sujeitos no mundo. E ainda, adquiram consciência do quão boa é a prática da leitura e que ela também pode ser compartilhada através das mídias, a fim de que outros estudantes consigam aproveitar essa oportunidade de estudo, conhecimento e reflexão.

Destaca-se, assim, a importância em construir o conhecimento literário, social e multidisciplinar a partir de narrativas contemporâneas, as quais os atores se identifiquem, para o desenvolvimento da cognição e linguagem expressos através de mídias digitais, com o objetivo de reconhecermos que tais podem contribuir de maneira positiva para o processo de ensino-aprendizagem de maneira lúdica e adaptada à realidade dos discentes. Visto que os educandos já contam, segundo Rojo (2012, p. 12 e 13), há mais de vinte anos, “[...] com outras e novas ferramentas de acesso à comunicação e à informação e de agência social, que acarretam novos letramentos [...]”.

Alicerçados nas novas tecnologias da era digital, é que os indivíduos vão construindo seus aprendizados, atualmente. Esse processo tem como característica uma

produção cultural contemporânea, voltada para as experiências que cada um constrói, e devolvidas à sociedade por meio de novas tecnologias, linguagens e mídias, conferindo a eles um grau de autoria, firmando-os como colaboradores sociais na era tecnológica.

2 O QUE COMPETE A ESCOLA

É papel da escola formar cidadãos autossuficientes e preparados para a vida em sociedade, e cabe ao professor desempenhar esta prática. O aprendizado dos alunos é fruto das escolhas de seus mediadores, então, como formadores, precisam despertar nos estudantes além da curiosidade e do empirismo, a busca pelo conhecimento científico, o gosto pela leitura e literatura, arte, etc., organizando estes de forma multidisciplinar. Sobre isso Silva (2013, p. 515), faz uma importante reflexão, afinal: “O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo. Contudo, na prática, essa noção ainda parece perder-se diante de outras concepções de leitura que ainda orientam as práticas escolares”.

Através da multidisciplinaridade podemos incentivar os discentes ao conhecimento, aliando teoria, prática e letramentos, isto é, uso social da leitura e escrita. Uma das possibilidades para isso seria a aplicação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), que, de forma inovadora, servem de estímulo ao aprendizado, dando um *plus* no cotidiano da sala de aula. Sendo as habilidades dos alunos desenvolvidas por meio dos novos instrumentos apresentados à educação, certamente teremos sujeitos aptos ao convívio social que possam disseminar o que estão aprendendo no contexto em que estão inseridos. Ademais, “Em um mundo cada vez mais globalizado, utilizar as novas tecnologias de forma integrada ao projeto pedagógico é uma maneira de se aproximar da geração que está nos bancos escolares” (ALMEIDA, 2014).

3 NARRATIVAS LITERÁRIAS

Narrar é um hábito bastante antigo, servia para contar estórias e histórias desde os primórdios. Por meio das narrativas, narradores faziam rodas de conversas para falar da

vida, propalar histórias, casos para divertirem-se em horas vagas e ainda, reuniões para passar ensinamentos a seus povos. Após a invenção da escrita, os escribas aprenderam a ler, conseqüentemente registrando suas narrativas, as quais passaram a se difundir pelo mundo todo, chegando-se a contemporaneidade, que registra os mais diversos fatos, através de explicações, anedotas, humor e narrações. Na área da educação não poderia ser diferente, dispõe-se de narrativas literárias, responsáveis por aproximar o leitor de um mundo que antes era uma quimera. O aporte que as narrativas permitem à educação retratam a criação de laços no ensino-aprendizagem, os quais fortalecem a leitura e escrita, bem como o relacionamento entre sociedade e cultura.

Os incumbidos pela propagação das narrativas são os narradores, que têm total importância na divulgação das mesmas. Silva *apud* Benjamim (1975), acrescenta que: “A experiência propicia ao narrador a matéria narrada, quer a experiência seja própria ou falada. E por sua vez, transforma-se na experiência daqueles que ouvem a estória”.

A partir desta ideia pode-se considerar que o narrador tem por objetivo essencial praticar a oralidade, despertando em seus ouvintes a criatividade, a imaginação e principalmente o gosto pela leitura, contribuindo, assim, para a formação cidadã e de sua personalidade, pois como se sabe a leitura estende os mais variados horizontes.

A leitura literária, também conhecida como romance, possui o papel de despertar a cognição de seus leitores e é partir da escola que se começa esse desadormecer, visto que é nela que muitas vezes as crianças escutam algumas de suas primeiras contações de histórias. Nesse sentido, o romance possui papel fundamental na vida dos leitores, uma vez que foi o modo que o homem descobriu como comunicar-se, manifestar suas experiências, ensinamentos, sentimentos e compartilhar a comunicabilidade, em razão de que muitas vezes as narrativas são o retrato da vida real, representados em livros. Além de que, por meio da ficção valores sociais, costumes, tradições, ensinamentos são transmitidos.

Retomando a questão educacional, o narrador ou contador de história na escola, é o professor, que através de narrativas pode desencadear o gosto pela leitura e formar leitores literários, já que as histórias divertem, causam humor, reflexão, socializam, partilham e sensibilizam. Apoiado na leitura literária o docente pode instigar o aluno à

produção da escrita, conjecturando que textos causam um pertencimento que é capaz de gerar reproduções fundamentadas na experiência que o discente adquiriu e a reproduzirá, vezes contando a representação da sua realidade por meio de entrelinhas.

Ler, no sentido de saber ler, de compreender o que se lê para além do que está escrito, perceber a significação do que as palavras simplesmente veiculam, tem suas sutilezas específicas, porque a leitura assim encarada já é uma escrita, escreve-se a si mesma durante o processo, projeta-se sobre o futuro texto que ainda está por ser escrito. A leitura é uma forma de escrita, assim como a escrita é uma forma de leitura (MARTINS *apud* Silva, 2009, p. 05).

Em outras palavras, quem estimula o aluno a ler romances e a reproduzi-los em outros estilos é o orientador. Será ele o encarregado de alçar novos voos aos discentes, encorajando-os a novas experiências, pois a liberdade de expressão só vem de bases alicerçadas em sala de aula, as quais professores e alunos estejam dispostos a fazer a diferença e juntos construir novas práticas educacionais.

4 TECNOLOGIAS NO PROCESSO EDUCACIONAL

Historicamente, as tecnologias nunca foram pedagogicamente valorizadas como deveriam, por diversos motivos, como por exemplo, o cumprimento de conteúdos exigidos pelos educandários, em vista que “o professor é formado para valorizar conteúdos e ensinamentos acima de tudo, e privilegiar a técnica de aula expositiva para transmitir esses ensinamentos”. (MASETTO, 2011, p. 134). Essa desvalorização vem desde as décadas de 1950 e 1960 pelo rigor tecnicista e ainda pelo modelo de educação neoliberal vivido na época, quando escolas eram comparadas a empresas e precisavam surtir eficiência e eficácia no processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, com o passar o tempo, a informática passou a ser acessível à maioria da população, da mesma maneira a internet, fazendo com que as pessoas se comunicassem de maneira ágil, inteirando-se dos acontecimentos instantaneamente.

Na escola docentes e discentes passaram a trocar e produzir conhecimento de maneira interativa e cooperativa, tiveram novo ânimo para pesquisas e desenvolvimento do senso crítico, buscando novidades, partilhando-as em rede. Pode-se dizer que o

computador privilegiou todos os tipos de ensino, fomentando o ensino a distância, bastando apenas um computador.

Desenvolvem-se cursos a distância, com ensino a distância quando por meio das novas tecnologias privilegiam a transmissão de informações, o acesso a elas e sua reprodução; as atividades do professor ou do técnico em informática abastecem o computador com uma base de dados ou de *softwares* apenas para que os alunos ali se aposses das informações outrora ensinadas pelo professor em aulas expositivas (MASETTO, 2011, p. 134).

Com todo esse advento da tecnologia surge um anseio, qual o papel do professor nesse processo de aprendizagem? Ele deve passar a agir como motivador da aprendizagem, fazendo com que os alunos aliem o prazer que sentem pela tecnologia às experiências cotidianas, associando conceitos e práticas, resolvendo situações adversas e agindo como ser humano em sua totalidade. Entretanto, isso exige do corpo docente uma mudança de postura, a qual ele esteja aberto e também disposto a aprender com seus alunos e crer que eles responderão à altura da responsabilidade que lhes é atribuída, em uma nova concepção de aprendizagem, na qual não será feita apenas uma substituição de quadro negro e giz, mas uma nova metodologia de trabalho, dando vez a novos protagonistas, sujeitos na construção do conhecimento.

Masetto (2011, p. 135) conceitua tecnologia no processo educacional, como:

[...] o uso da informática, do computador, da internet, do CD-ROM, da hipermídia, da multimídia, de ferramentas para a educação a distância – como *chats*, grupos ou listas de discussões [...], que tem por objetivo além de “cooperar para o desenvolvimento da educação, dinamizar”, aulas presenciais e a distância.

Assim, com a existência da valorização da aprendizagem, surgiu uma autoaprendizagem, com sujeitos que buscam informações, se comunicam com o mundo inteiro, através de *e-mails*, aplicativos, etc., e ainda, desenvolvem relações interpessoais, propiciando diferentes vivências em rede. As mediações tecnológicas não acontecem de maneira isolada, ou uma vez que outra para tornar a aula diferente, elas devem ser um processo contínuo para que seus participantes se sintam envolvidos nesse novo processo de aprendizagem. Associada a esses recursos tem-se a internet que oportuniza e permite

usufruir de conhecimentos de forma dinâmica, atualizada e conecta à realidade instantânea e aos mais importantes meios de comunicações globais de qualquer lugar que o usuário estiver, possibilitando a expansão de habilidades tais como “autoaprendizagem e interaprendizagem” (MASETTO, 2011).

Evidencia-se, então, que na rede estão disponíveis todos os tipos de informações: textos, mídias, hipermídias e nem tudo o que está acessível, servirá como usufruto positivo, uma vez que não se sabe de onde provém estes conteúdos ou quem são seus idealizadores. Em determinadas situações, o professor encontrará informações distintas de seus educandos, mas caberá a ele como facilitador fazer uma diferenciação que assegure a reflexão e o encontro de informações, conquistando novos saberes para ambos.

Ao gerar-se estas reflexões a respeito da tecnologia no processo educacional há o objeto que também contribui para a sociedade a qual se deseja construir, onde a progressão educacional se fortaleça, evolua e dissemine uma educação cada vez mais tecnológica, que hoje toma toda a globalização, transformando empresas, setores, escolas, múltiplos segmentos, mas principalmente pessoas.

4.1 YouTube

O *YouTube* é uma plataforma digital fundada em 2005, com a intenção de distribuir vídeos sobre qualquer conteúdo. O nome deriva do inglês *you* que significa você e *tube* tela, portanto, “você na tela”, ou ainda, a palavra *tube* quando usada como gíria pode ter sentido de televisão, dando o resultado que mais caracteriza o *site* “canal feito por você”.

Cabe ressaltar que em 2006 a Google comprou o *YouTube* acabando com o Google Vídeo e aumentando o número de usuários domésticos para milhões. No mesmo ano a revista americana *Time* escolheu o sítio por ser a melhor invenção do ano, justificando que: “criar uma nova forma para milhões de pessoas se entreterem, se educarem e se chocarem de uma maneira como nunca foi vista” (ALMEIDA et al, 2015).

Caracterizado por exibir conteúdos acessíveis ao mundo inteiro, seu funcionamento depende apenas da internet e sua reprodução pode ser feita através de

qualquer aparelho que possua acesso à rede, visto que sua plataforma se estende a computadores, celulares, tablets, etc.

Previamente ao lançamento do *YouTube* o compartilhamento de vídeos era quase remoto ou muito precário, mas Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, os primeiros fundadores do *web site*, tornaram o acesso globalmente atingível e em segundos o mundo inteiro estaria assistindo a vídeos caseiros, sejam eles humorísticos, satíricos, informativos, resenhas, etc.

Há de se salientar o cunho social-educativo que o sítio promove, difundindo a cultura cibernética e o incentivo à criação, produção e socialização em rede. Promovendo também o acesso à informação a milhares de pessoas, que pode ser das mais variadas formas.

4.1.1 *YouTube* como ferramenta educativa

Por ser uma tecnologia cada vez mais inserida em nosso cotidiano, o *YouTube* também abrange a rotina de famílias, bem como de seus filhos, possíveis estudantes, que na maioria das vezes preferem assistir a vídeos do que lerem um livro. Partindo desse pressuposto, pode-se pensar nos benefícios que o recurso permite para que as práticas de sala de aula sejam aperfeiçoadas e os discentes comecem a estudar não partindo de conteúdos programáticos e serem cumpridos, mas sim de seu conhecimento de mundo, das realidades vividas, com as técnicas que usam socialmente e os transformando em objetos de estudo.

Nesse contexto, o *YouTube* permite inúmeras possibilidades pedagógicas, considerando que a sociedade cada vez mais globalizada demanda novas práticas de ensino e esta ação se caracteriza por ser instantânea e dinâmica, podendo reproduzir o que antigamente encontrava-se apenas de maneira escrita e que não podia ser agilmente compartilhada.

Por ser a escola um lugar de socialização, criticidade e formação cidadã, responsável principal pela construção do conhecimento, a produção de vídeos neste ambiente é um desdobramento positivo de como a educação pode ser repensada e vem a

calhar com o aprendizado de mundo dos estudantes, apropriando-se das redes para expressarem seus saberes.

Atualmente as mídias são uma realidade no campo educacional, lembrando que através delas a maioria das pessoas, principalmente estudantes, despertam seus sentidos, sejam eles emocionais ou lógicos, e ainda, congregam valores sociais ao que produzem.

5 METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido no Instituto Estadual de Educação Mãe de Deus, situado à Avenida Vaz Ferreira, 1398, do município de Tupanciretã – RS. O educandário conta com 640 alunos, 52 professores e 15 funcionários. Por ser localizado no centro da cidade é uma referência para a comunidade tupanciretanense, existente há 70 anos, a qual tem por tradição formar gerações de alunos da mesma família. A escola funciona nos turnos da manhã, tarde e noite, e possui esse nome, por que além das turmas de Ensino Fundamental I/II, e Ensino Médio, oferece cursos técnicos integrados ao último.

A investigação foi feita com os alunos do 8º do Instituto, turma única na escola para tal série, composta atualmente por 18 alunos. A pesquisa aconteceu durante os meses de fevereiro a outubro do corrente ano. As investigações iniciaram em sala de aula e com o passar dos meses começaram a acontecer extraclasse, sendo destinados dois períodos por semana das aulas de Língua Portuguesa para que tal pesquisa acontecesse.

A ideia do estudo surgiu a partir da curiosidade dos alunos sobre narrativas mitológicas e da inquietação da pesquisadora em trabalhar mídias em sala de aula, aliando teoria e prática com o intuito de distribuir novos métodos de ensino-aprendizagem através das mídias, neste caso o *YouTube*. Contribuindo ainda, para própria formação da docente, destaca-se o que André (2016, p. 20) tão bem pondera: “Outra ideia-chave da atualidade é a do professor pesquisador. A ideia de um professor-pesquisador está associada à ideia de profissional crítico reflexivo”.

Assim, o estudo consiste em uma pesquisa exploratória, pois partiu do senso comum, uma vez que queria-se saber o que porquê da falta do gosto pela leitura literária. Gil (2002, p. 41) diz sobre o método que:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema [...]. Pode-se dizer que essas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Por meio de abordagens qualitativas, utilizou-se o método etnográfica voltado para a educação, Lüdke e André (2013, p. 15) observam que:

[...] o uso da etnografia em educação deve envolver uma preocupação em pensar o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo. Da mesma maneira, as pesquisas sobre a escola não devem se restringir ao que se passa no âmbito da escola, mas sim relacionar o que é aprendido dentro e fora da escola.

Este método é ainda recente na área da educação, uma vez que passou a ser explorado na década de 70, mas veio a calhar com o ensino por ter algumas características bem marcantes no campo da aprendizagem: o pesquisador deve realizar a maior parte do trabalho de campo pessoalmente e o trabalho deve durar pelo menos um ano escolar, segundo Lüdke e André (2013, p. 16).

Para a coleta de dados utilizou-se duas técnicas de pesquisas, a bibliográfica que Gil (2002, p. 44), define da seguinte maneira: “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. E a utilização de questionário para validação do trabalho, que Lakatos (2003, p. 201) define como: “[...] um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

Todos os métodos e técnicas utilizadas na composição desse labor foram resultados de grandes contribuições, uma vez que ratificaram a importância das técnicas de pesquisas científica e estas podem acontecer a partir de qualquer tipo de empirismo.

6 DESENVOLVIMENTO

As pesquisas iniciais para o desenvolvimento da proposta consistiram em buscar e entender a língua e suas transformações no tempo, com o intento de saberem que nosso falar é dinâmico e muda a todo instante, o que conseqüentemente também acontece na escrita. Os alunos trabalharam desde as primeiras letras até a invenção do alfabeto fenício, e conseqüentemente o alfabeto brasileiro.

Então, em seguida, passaram para o estudo de narrativas míticas que foram contextualizadas através do texto “Perseu e Medusa” (Figura 1), a qual puderam interpretar e fazer a compreensão, além de situarem-se sobre o que é uma narrativa, um enredo, como se formam personagens, conflito, clímax e desfecho. Compararam algumas obras originais de deuses da mitologia grega com atuais criações que conheciam (Figura 2 e 3).

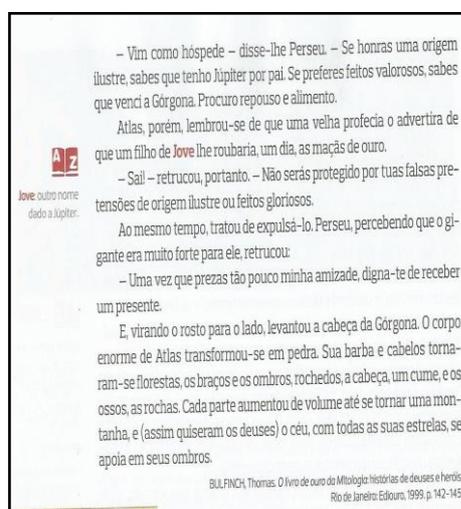


Figura 1 – Texto “Perseu e Medusa, de Thomas Bulfinch

Fonte: Livro didático: Projeto Teláris, 8º ano ensino fundamental 2.

●● Outras linguagens

Pintura, escultura, cinema e pintura digital

A narrativa sobre Medusa inspirou vários artistas, que representaram a cabeça da Górgona de diversas maneiras, em modalidades artísticas distintas e em diferentes épocas.

Pintura

Na pintura produzida por Caravaggio, à direita, observe:

- a pintura em forma de disco, representando o escudo espelhado usado por Perseu;
- os olhos de pavor de Medusa e o aspecto realista das serpentes em sua cabeça.



Cabeça de Medusa, do pintor italiano Caravaggio, 1598. Pintura a óleo sobre tela, montada sobre madeira.

Escultura

Na escultura à esquerda, criada por Bernini, observe:

- a expressão de tristeza no rosto de traços delicados, a impressão de movimento das serpentes na cabeça em mármore.
- Compare a Medusa de Bernini e a Medusa de Caravaggio. O que há de diferente e de semelhante?



Cabeça de Medusa, em mármore, do escultor italiano Bernini, 1630.

Unidade 1 • Narrativas em foco: do mito à crônica 29

Figura 2 – diferentes imagens de Medusa
 Fonte: Livro didático: Projeto Teláris, 8º ano ensino fundamental 2.

Cinema

Na foto ao lado, de cena do filme *Percy Jackson e o ladrão de raios*, observe:

- o cabelo de serpentes emoldurando o rosto delicado e feminino da atriz que interpreta Medusa;
- o detalhe do telefone celular que a atriz tem nas mãos como um espelho.



A atriz Thera Pappas no papel de Medusa, em cena do filme *Percy Jackson e o ladrão de raios*, dirigido por Chris Columbus, 2010.

Pintura digital

Na pintura digital à esquerda, observe:

- os traços de beleza feminina nas linhas do rosto, deformado;
- o brinco na orelha, a cicatriz no pescoço, a fita adornando o penteado com as serpentes;
- o olho de serpente no lugar do olho humano.

■ Você gostou das obras apresentadas? O que mais chamou sua atenção? Compare as diferentes técnicas e os modos de representação no tempo: pinturas e esculturas antigas e cinema e computação gráfica dos dias de hoje.



Medusa, em computação gráfica, do ilustrador brasileiro Dado Almeida, 2010.

Você notou que as obras mais antigas mostradas nesta seção são Italianas? Há uma explicação para esse fato: os deuses gregos foram incorporados pelos romanos, que conquistaram a Grécia e procuraram encontrar semelhanças entre seus deuses e os gregos. Por exemplo: Minerva e Mercúrio são os nomes romanos dos deuses gregos Atena e Hermes.

30 Capítulo 1 • Narrativas em foco

Figura 3 – diferentes imagens de Medusa
 Fonte: Livro didático: Projeto Teláris, 8º ano ensino fundamental 2.

Dando continuidade, investigaram os doze deuses da mitologia grega e quais aspectos possuíam além dos humanos. Identificaram-se com personagem e passaram a escrever suas narrativas no caderno, em sala de aula, com o fito de fomentar a escrita, seus erros e correções, conhecerem palavras novas, ampliarem vocabulário, além de aplicarem os novos aprendizados sobre textos narrativos.

Em um segundo momento os alunos digitaram as narrativas literárias, passando a ressignificar o contato com as mídias e explorando o programa *Microsoft Word*, aplicando em suas digitações regras de formatação. Após as narrativas foram entregues à professora para uma próxima correção, conforme mostra a figura 4.

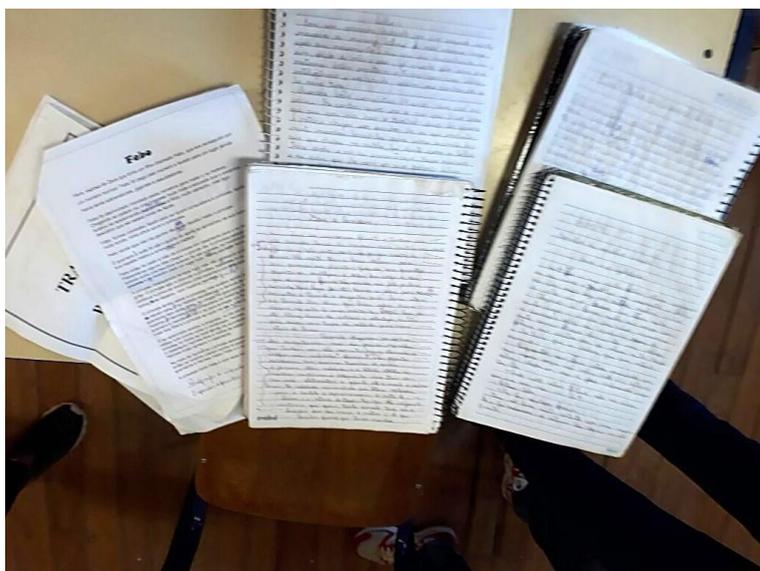


Figura 4 – foto de algumas das narrativas literárias escritas no caderno e outras já digitadas
Fonte: Criação da autora

Doravante, com a devida autorização dos pais para uso de suas imagens, os alunos utilizaram o telefone celular para fazerem a filmagem deles mesmos como protagonistas contando suas produções mitológicas e, então, nasce o canal no *YouTube* “Oitavo Ano –

Narrativas literárias¹”, um grupo fechado por se tratar de menores de idade, fruindo suas experiências com a leitura.

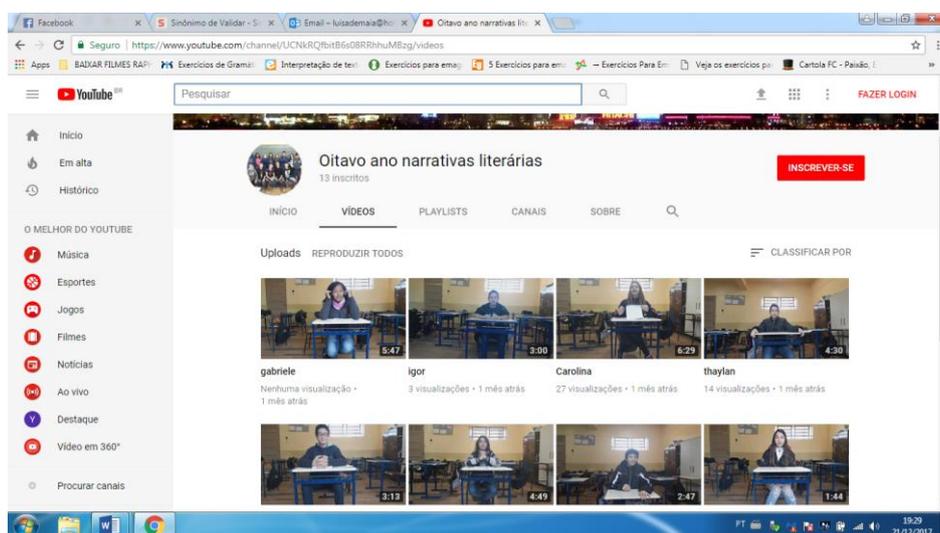


Figura 5 – Canal do *YouTube*: Oitavo ano – Narrativas Literárias

Fonte: Criação da autora e dos alunos do 8º ano do Instituto Estadual de Educação Mãe de Deus.

De acordo com o número de alunos envolvidos foi determinado um percentual de participação do início ao fim do projeto e foi satisfatório, pois todos os envolvidos conseguiram compartilhar suas criações no *YouTube* e estas foram visualizadas pelos comprometidos com o programa, pela orientadora do projeto e corpo docente, além da comunidade escolar (pais), servindo como exemplo do projeto de leitura e literatura aliadas às mídias digitais.

Após foi feita uma atividade de roda de conversa, entre os alunos participantes e os não participantes do estudo. Na qual os envolvidos fizeram um relato de como foi envolver-se no projeto e quais os ganhos que tiveram, comparados ao que não participaram. Contribuindo assim, para a coleta de dados da pesquisa.

¹ <https://www.youtube.com/channel/UCNkRQfbitB6s08RRhhuMBzg/videos> usuário: anooitavo96@gmail.com, senha: 5596323150

Os dados coletados através do questionário de múltipla escolha, gerado pelo *googledocs* foram tabulados de maneira qualitativa e expressos através de relatório, com o objetivo de comprovar que o fenômeno em estudo, o desinteresse pela leitura literária, pôde ser melhorado por meio das mídias na educação.

7 RESULTADOS

Considerando que os alunos puderam perpassar por três universos, leitura, escrita e mídias digitais, pôde-se considerar a importância de cada uma delas. A primeira se constitui através de um dos maiores desafios dos professores atualmente, desenvolver o gosto pela leitura, mas essa não apenas para decifrar códigos, mas sim que os estudantes criassem o hábito de ler, seja para estudar, se informar, aprender, uma vez que essa é a única *práxis* que aprimora, dinamiza e formula conceitos, agiliza o raciocínio lógico, além de trazer novos conhecimentos, quebrando muitas amarras.

Se o gosto pela leitura for despertado nos discentes, conseqüentemente, formam-se escritores, isto é, autores que saibam contextualizar seus pensamentos de forma organizada, clara e concisa. Considerando que a escrita veio ao longo do tempo para garantir o registro de nossos pensamentos e hoje tem grande relevância humana e social, por transcrever e difundir informações e ideias.

A partir da invenção da escrita, tempo e espaço se modificaram, chegando às tecnologias digitais, principais meios de comunicação da contemporaneidade, mas devemos observar que só chegamos até aqui, por que leitura e escrita também evoluíram ciclicamente gestando todo esse advento.

Quando se pensa em tecnologia podemos citar todas as contribuições que ela proporcionou ao longo do tempo, como estreitar distâncias, permitir o acesso à informação, muito além disso, todas as possibilidades que abriu a diversos seguimentos, como o educacional, permitindo o inegável acesso à educação, dado que os estudantes no presente já adentram as escolas sendo nativos digitais e os professores devem estar devidamente preparados para isso.

As tecnologias contribuem imensamente para o aprendizado de discentes, uma vez que eles buscam informações, mas mais que isso, podem compartilhar o que produzem, formando redes colaborativas de ensino.

Em decorrência da atividade, apresentam-se os resultados da pesquisa feita através de questionário *online*, a qual dezoito alunos do 8º ano do Instituto Estadual de Educação Mãe de Deus, responderam e deixaram sua opinião de como foi reproduzir os artefatos narrativos, através de um canal no *YouTube*, entretanto, apenas quatorze desses gravaram as próprias elaborações, conforme descrito nas Figuras 6, 7 e 8.

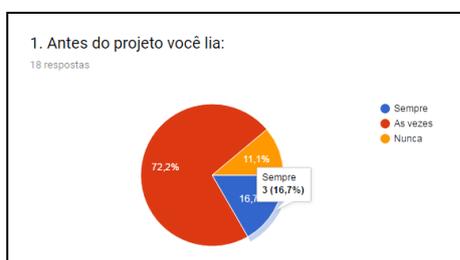


Figura 6 – Leitura anterior ao projeto
Fonte: criação de Luísa C. F. de Maia



Figura 7 – Gosto pela leitura
Fonte: criação da autora

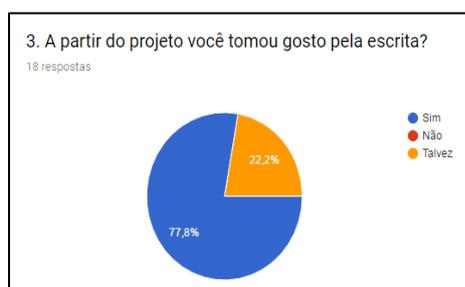


Figura 8 – Gosto pela escrita
Fonte: criação da autora

Conforme as Figuras 6 e 7, pode-se fazer um comparativo com as duas primeiras questões, e percebe-se que os resultados são visíveis quando os estudantes são incentivados a lerem, eles acabam tomando gosto pela leitura e, por conseguinte, pela escrita também, como observa-se na Figura 8.

Consegue-se ponderar ainda, que, se já há um conhecimento prévio do assunto o mesmo torna-se mais atrativo, por que os discentes conseguem associar suas realidades de mundo, como foi o caso das narrativas mitológicas, muito comum nas leituras de adolescentes (Figura 9).



Figura 9 – Tema abordado
Fonte: criação da autora

O acesso às mídias já é uma realidade para a maioria dos alunos, observa-se isso na Figura 10. De todos os participantes da pesquisa nenhum respondeu que nunca havia acessado o *YouTube*. O que confirma o pensamento de Mouran (2011) de que “os estudantes atualmente já são nativos digitais”, assim sendo, usam as redes para as mais diversas possibilidades. Todavia, ainda precisa-se fazer com que os acessos aumentem de maneira significativa, para a maioria dos estudantes poderem fruir destes benefícios.



Figura 10 – Acesso ao *YouTube*
Fonte: criação da autora

Se a web for cotidianamente utilizada pelos estudantes conseguiremos fazer com que suas realidades passem a fazer sentido dentro da escola, pois usarão da multiculturalidade para conferir significado a seus aprendizados, sobre isso Freire (1989)

afirma que, “compreender seu contexto, não é uma manipulação mecânica de palavras, mas uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.”

Usemos a palavra linguagem para pensarmos nela em seu sentido mais amplo, quando apresentamos na Figura 11, os resultados positivos que a ferramenta proporcionou, quando lhes foi perguntado se gravar vídeos ajudou em sua postura e desinibição, consoante segue, em maioria todos responderam que sim, bem como, que já a acessaram para estudo, como aponta o sétimo esquema. Assim, referente às possibilidades de uso do *YouTube*, podemos pensar que são infinitas. Entretanto deve-se ressaltar que a interação com as mídias teve início no momento em que os estudantes passaram a enviar suas produções ao *site*, via telefone celular, o que também pode ser considerado uma mídia aliada à educação.



Figura 11 – Desinibição e postura
Fonte: criação da autora

Explorando ainda as diversas faces do *YouTube*, em massa, os entrevistados o consideram uma ferramenta de estudo, e podemos pensar que pode ser pela diversidade, dinamismo ou novas propostas, identificamos tais quando temos acesso ao dispositivo, conforme a Figura 12.



Figura 12 – *YouTube* como ferramenta de estudo
Fonte: criação da autora

Essa mídia contribui indubitavelmente para que as tecnologias sejam cada vez mais usadas em sala de aula, transformando a realidade e preparando jovens para outros contextos externos à escola, já que quase 67% dos interrogados atribuíram que, o que mais gostaram da metodologia foi o uso da tecnologia em sala de aula (Figura 13) e os resultados também foram satisfatórios comparados aos métodos tradicionais (Figura 14).

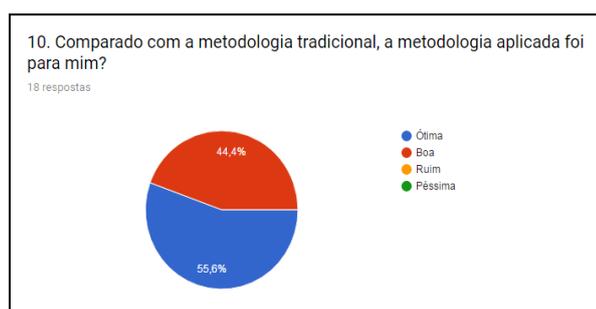


Figura 13 – Metodologia
Fonte: criação da autora

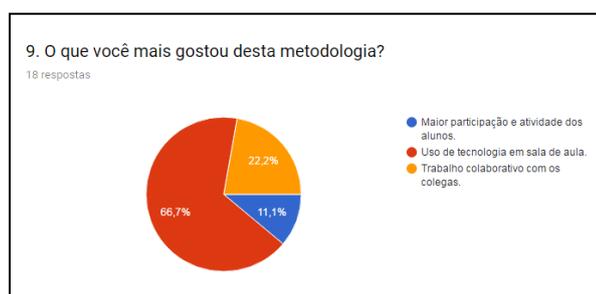


Figura 14 – Metodologia do trabalho comparada a metodologia tradicional
Fonte: criação da autora

Entretanto, não se pode pensar em aplicação de mídias sem antes como docentes, termos conhecimento do que vamos trabalhar, como temas e materiais, mas principalmente, nos comportarmos como mediadores abertos ao diálogo, propiciando conversas ou debates para que os alunos sejam orientados sobre o rumo que pretendem tomar, como veremos é uma maneira assertiva de introduzirmos o novo, de maneira sutil e recebermos retornos satisfatórios (Figuras 15 e 16).



Figura 15 – Compreensão do tema

Fonte: criação da autora

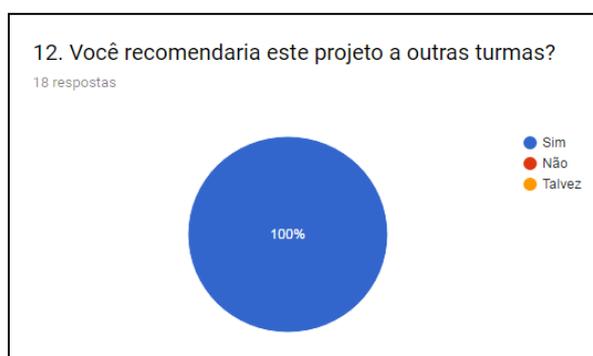


Figura 16 – Compreensão do tema

Fonte: criação da autora

Quando foi feita a última pergunta aos estudantes: – Como o trabalho o auxiliou no aprendizado? O retorno foi por meio de uma resposta aberta, que remeteu às palavras chaves deste trabalho: leitura, escrita e tecnologia. Descritas a seguir:

Aluno A: “Me ajudou a trabalhar mais minhas leituras e escritas!”

Aluno B: “Esse trabalho ajudou-me a treinar a minha memória e a criatividade da narrativa, expandindo cada vez mais meu conhecimento a outras culturas.

Aluno C: “Eu gostei de trabalhar com as tecnologias e gravar o vídeo, foi muito bom.”

Aluno D: “Aprendi mais sobre o conteúdo, adquiri novas experiências na sala de aula.”

Aluno E: Me incentivou a ler mais e ter sede de conhecimento, também gostei da ideia de usar o *YouTube*, uma ferramenta de vídeos, foi uma ótima experiência !!!

Aluno F: “Eu gostei de trabalhar com tecnologia.”

Aluno G: “Ajudou a desenvolver ideias novas na escrita.”

Aluno H: “Me ajudou muito, pois agora sei como montar um texto sem errar tanto, 😊 sei escrever melhor, ler melhor entre várias outras coisas.”

Aluno I: “Auxiliou no meu aprendizado, pois me trouxe mais experiência para muitas coisas.”

Aluno J: “Este trabalho me ajudou a ter uma escrita mais ampliada, e ter mais conhecimento do conteúdo da mitologia. Levarei para a minha vida os conhecimentos adquiridos. Descobri também que a escrita é muito importante na vida das pessoas.”

Aluno K: “Me ajudou a perder a vergonha, ler mais e trabalhar mais minha escrita.”

Aluno L: “Esta metodologia de aprendizado, com o auxílio da tecnologia, é inovadora e de fácil entendimento. Espero que possamos continuar utilizando esta ferramenta nos próximos trabalhos.”

Aluno M: “Eu tive um conhecimento maior, tive sede de aprender mais, me interessei mais pela leitura.”

Aluno N: “Gostei muito desse trabalho, ajudou muito na minha desinibição e na minha postura.”

Aluno O: “Com a escrita dessas narrativas, eu consegui escrever melhor e ampliei meu conhecimento sobre o conteúdo.”

Aluno P: “Me ajudou na leitura e na escrita!”

Aluno Q: “Me ajudou na leitura e a escrever letras de músicas.”

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as transformações sofridas dia a dia, a educação não ficou para trás, assim as práticas pedagógicas tiveram de serem repensadas e postas de maneira que trouxessem o conhecimento, mas principalmente, atualizadas para uma linguagem que todos compreendessem. Neste contexto leitura e escrita também sofreram profundas mudanças, não em sentido, e sim em aspecto, precisaram fazerem-se acessíveis a todos os tipos de escritores e leitores, para que eles conseguissem entendê-las e aplicá-las em todos os tipos de mídias que as reproduzem na modernidade.

As proposituras de novas aprendizagens se fizeram necessárias, já que surgiram novas demandas, como o objeto de estudo, o *YouTube*, ferramenta de reprodução de vídeos, que além de entretenimento, reproduz fantásticamente conteúdos pedagógicos de maneira mais atrativa e moderna, podendo introduzir e dar um novo significado ao aprendizado.

A metodologia de reproduzir narrativas mitológicas, produzidas pelos alunos em um canal no *YouTube*, foi considerada assertiva e satisfatória, despertando nos discentes o interesse para a formação de leitores literários, consequentemente tornando-os sujeitos capazes de se comunicar, seja pela fala ou pela escrita, de forma proficiente e ainda, disponibilizar em rede este aprendizado, contribuindo para a oralidade e postura em alguma situação extraclasse.

Não é preciso enumerar os benefícios de leitura e de escrita, mas se elas não forem divulgadas serão esquecidas e logo tornar-se-ão apenas lembranças de uma produção em cadernos. No entanto, o sítio *YouTube* consegue guardar essas memórias, envolvendo os sujeitos que as criaram ou as reproduziram. Atualmente é considerado uma ferramenta didática; trabalha dicção, oralidade, postura, apresentação, coletividade e socialização, assessora na construção do conhecimento, porém voltado para elementos rotineiros, que transmitem a existência prática de seus usuários, atraindo o interesse pela educação de maneira prazerosa e principalmente, quebrando o modelo tradicional de educação fragmentada, podendo trabalhar as multiculturalidades de seus usufruidores.

Pode-se dizer que o objetivo de ressignificar as mídias na educação foi cumprido, considerando que houve o envolvimento da maioria dos alunos do oitavo ano do Instituto Estadual de Educação Mãe de Deus, em Tupanciretã – RS, e ainda, através das pesquisas e rodas de conversa os educandos afirmaram massivamente que indicariam esta metodologia a outros estudantes, provando que as tecnologias podem gerar novas pedagogias, e assim sendo, o *YouTube* é uma ferramenta poderosa na disseminação e formação de leitores literários.

Após a apresentação do canal no *YouTube* concluída surgiu a ideia de os alunos publicarem um livro na Mostra Multidisciplinar da escola, com as narrativas literárias e logo depois fazerem um relato de experiência no próprio canal contando como foi esta

experiência, mais uma vez ressaltando que as mídias têm o poder de envolver os discentes de forma positiva e qualificando o aprendizado deles.

9 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Í. D'A.; SILVA, J. C. B. da; JUNIOR, S. A. da S.; BORGES, L. M. **Tecnologias e educação: o uso do YouTube na sala de aula**. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/trabalho_ev045_md1_sa4_id8097_06092015214629.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2017.

ALMEIDA, M. E. B. Disponível em: <<http://gestaoescolar.org.br/aprendizagem/entrevista-pesquisadora-puc-sp-tecnologia-sala-aula-568012.shtml>> Acesso em: 08 ago. 2017.

BORGATTO, A. M. T.; BERTIN, T. C. H.; MARCHEZI, V. L. de C. **Projeto Teláris: português: ensino fundamental 2**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2015.

ANDRÉ, M. E. D. A. de (org.). **Práticas inovadoras na formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2016.

BUNZEM, C.; MENDONÇA, M. (org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

GIL; A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1982.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Mediação pedagógica e uso da tecnologia**. In: MORAN, J. M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 19. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

MORAN, J. M. **As mídias na educação**. 2008. p. 05. Disponível em: <<http://portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-edu-com-tec/artigos/midias%20na%20educa%C3%A7ao.pdf>> Acesso em: 08 jun. 2017.

ROJO, R.; MOURA, E. (orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVA, H. A. **Narrativa e educação: algumas reflexões a partir de Benjamin, Kundera e Rorty**. Disponível em:

<https://scholar.google.com.br/scholar?q=narrativa+e+educa%C3%A7%C3%A3o:+algumas+reflex%C3%B5es+a+partir+de+benjamin,+kundera+e+rorty&hl=ptBR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholart&sa=X&ved=0ahUKEwj2oqiUxMfUAhXJx5AKHctAC50QgQMIMjAA> Acesso em: 30 mai. 2017.

SILVA, I. M. M. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. 2013.p.515. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/Anais-30Anos/Docs/Artigos/5.%20Melhores%20teses%20e%20disserta%C3%A7%C3%B5es/5.2Ivanda.pdf>> Acesso em: 03 mar. 2017.

SILVA, V. M. T. **Leitura literária & outras leituras. Impasses e alternativas no trabalho do professor**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.